

# RDP – Antena 2

## Programa: “O Véu Diáfano”

### Comunicação sobre:

“França, primeira metade do séc. XX: Debussy, *Pelléas et Mélisande* (I e II)”

Quintas-feiras, 03, 10, 03/2011, 23h00

Quintas-feiras, 10, 17, 03/2011, 13h00

### Duração das comunicações: 60 minutos (cada)

### Resumo:

*“As cores são a música dos olhos. Combinam-se como as notas. Certas harmonias de cores produzem sensações que a própria música não consegue atingir.”* – Eugène Delacroix, **Diário**.

Em pleno romantismo, nas décadas centrais do século XIX, a obsessão de Delacroix pela cor faz dele, mais do que um precursor um quase profeta do impressionismo: a instantaneidade do olhar distingue menos os objectos que as massas de luz e cor que os atravessam. Da consciência dessa instantaneidade possível do olhar não mediado pela razão, pela análise, pela compreensão, dessa percepção primeira e vaga, desse instante, dessa *impressão*, nascerá toda uma estética que Delacroix tentará por em prática com o seu vocabulário romântico, ainda extremamente figurativo. Entre as suas personagens e objectos, porém, vão-se interpondo manchas de luz e cor que impressionam em primeiro plano, como que captando e cristalizando na tela o instante do olhar imediato.

Escreve ainda Delacroix no seu diário.

*“Há um género de emoção absolutamente próprio da pintura, uma impressão, que resulta de um determinado arranjo de cores, de luz, de sombra. É aquilo a que poderíamos chamar a música do quadro. Antes mesmo de saber o que os quadros representam, entramos numa catedral e encontramos-nos a uma distância excessiva do quadro para perceber o que ele representa, e muitas vezes somos surpreendidos por este acorde mágico.”*

Delacroix terminará a sua vida no começo dos anos 1860 sem ver nascer a primeira tela emblemática daquilo a que se chamará o *Impressionismo* – termo justamente suscitado pelo quadro famoso de Claude Monet: **Impressão, nascer do sol**, de 1872.

O impressionismo nasce com o culminar de longo percurso de suspensão progressiva do olhar no instante primeiro que precede a análise

da razão – “o instante do daguerreótipo”, quase apetece dizer. Telas de Turner, Goya e Delacroix pressagiam directamente este movimento estético que, meio século mais tarde, com a sua filosofia, a sua técnica, a sua linguagem, irá condicionar de um modo decisivo a história da pintura, a partir dos anos 1870, e não deixará de ter uma influência decisiva na literatura e na música.

No plano literário, a França e a Bélgica verão desenvolver-se o simbolismo que partilha com o impressionismo aspectos essenciais da sua estética e até da sua linguagem. Quase poderíamos dizer que o simbolismo é o correspondente literário do impressionismo. Em matéria musical, as duas correntes fundirão os seus elementos numa linguagem comum, extraordinariamente original e surpreendente, que vemos eclodir ao longo dos anos 1890 na obra de Debussy, nomeadamente em **Prelúdio à sexta de um fauno** (que parte de um poema de Malharmé), nos **Nocturnos** para orquestra e na ópera **Pelléas et Mélisande** (baseada na peça teatral de Maeterlinck).

Através destas três obras primas vemos confluír, na música, a estética das duas correntes simétricas: o impressionismo da pintura, o simbolismo da poesia e do teatro. E parece-me ainda válida a formulação de um crítico sagaz que, nos primeiros anos do século XX escreveu: “É possível que **Pelléas et Mélisande** seja a obra prima do simbolismo, e os **Nocturnos** a obra prima do impressionismo”. Louis Laloy, 1909.

Debussy conheceu **Pelléas et Mélisande**, de Maeterlinck, em 1893, ano em que a peça é estreada em Paris, no Théâtre des Bouffes-Parisiens. A peça teve um enorme impacto não apenas em Debussy mas em diversos compositores da época que se precipitaram a colocá-la em música – Fauré, Sibelius, Schönberg com o seu poema sinfónico **Pelléas et Mélisande**, op.5, entre outros.